



Formação para os ACÓLITOS

ORAÇÃO DO ACÓLITO

Senhor Jesus Cristo,
sempre vivo e presente connosco,
tornai-me digno de Vos servir no altar da Eucaristia,
onde se renova o sacrifício da Cruz
e vos ofereceis por todos os homens.

Vós, que quereis ser para cada um
o amigo e o sustentáculo no caminho da vida,
concedei-me uma fé humilde e forte,
alegre e generosa,
pronta para vos testemunhar e servir.

E porque me chamastes ao Vosso serviço,
permiti que Vos procure e Vos encontre,
e, pelo sacramento do Vosso Corpo e Sangue,
permaneça unido a Vós para sempre.

Ámen.



Leccionário Ferial - Tempo Comum-Anos Pares

Leccionário Santoral

Leccionário das Missas Rituais, para as Diversas Necessidades, Votivas e dos Defuntos

Por vezes o Leccionário desdobra-se no Evangeliário, o livro dignamente encadernado que contém os Evangelhos dos Domingos e das festividades.

Como que constituindo adendas ao Missal Romano, existem ainda, mais dois livros:

Orações Eucarísticas

Textos para os Concelebrantes e Precónio Pascal.

O RITUAL ROMANO

O Ritual Romano é o livro litúrgico relativo às celebrações em geral que não sejam reservadas ao Bispo (exceptuando naturalmente a Missa, para a qual existe o Missal Romano). Por razões práticas, o Ritual encontra-se editado em nove volumes:

Celebração do Baptismo das Crianças

Iniciação Cristã dos Adultos

Celebração do Matrimónio

Ritual da Profissão Religiosa

Celebração da Penitência

Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico Fora da Missa

Unção e Pastoral dos Doentes

Celebração das Exéquias

Celebração das Bênçãos

O PONTIFICAL ROMANO

O Pontifical Romano é o livro litúrgico relativo às celebrações reservadas ao Bispo. Por razões práticas, o Pontifical encontra-se editado em seis volumes:

Celebração da Confirmação

Consagração das Virgens

Instituição dos Leitores e dos Acólitos

Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos

Dedicação da Igreja e do Altar

Bênção dos Óleos dos Catecúmenos e dos Enfermos
e Consagração do Crisma

Não fazendo parte do Pontifical, nem sendo mesmo tomado como livro litúrgico no sentido estrito, dado que não se utiliza nas celebrações litúrgicas, existe ainda o Cerimonial dos Bispos. Este livro apresenta os ritos a celebrar pelo Bispo, contendo as várias normas cerimoniais não apenas das celebrações a ele reservadas, mas também daquelas que o Bispo faz em comum com os presbíteros.

PROGRAMA de FORMAÇÃO

(T) Sessão Teórica. (P) Sessão Prática.

1. (T) A estrutura da Missa. (p 4)
(P) Entrada, saída e modo de estar numa Missa «típica».
2. (T) As partes da Missa - Ritos Iniciais. (p 5)
(P) Coisas a fazer durante os Ritos Iniciais.
3. (T) As partes da Missa - Liturgia da Palavra. (p 6)
(P) Coisas a fazer durante a Liturgia da Palavra.
4. (T) As partes da Missa - Liturgia Eucarística (parte I). (p 7)
(P) Coisas a fazer durante a Preparação dos Dons e a Oração Eucarística.
5. (T) As partes da Missa - Liturgia Eucarística (parte II) e Ritos de Conclusão. (p 9)
(P) Coisas a fazer durante os Ritos da Comunhão e os Ritos de Conclusão.
6. (T) Os intervenientes na Missa. (p 11)
(P) As atitudes durante a celebração da Missa. (p 13)
7. (T) O espaço celebrativo. (p 16)
(P) Coisas a preparar para a celebração de uma Missa «típica».
8. (T) Os acessórios do culto. (p 19)
(P) Coisas a fazer no final da Missa.
9. (T) O ano litúrgico. (p 22)
(P) A apresentação do livro.
10. (T) As Missas dominicais e nas festividades de preceito. (p 25)
(P) A cruz e os castiçais.
11. (T) As solenidades, as festas, as memórias e as Missas feriais. (p 26)
(P) As galhetas e o lavabo.
12. (T) As Missas rituais, para diversas necessidades, votivas, de defuntos e comuns. (p 27)
(P) O turíbulo e a naveta.
13. (T) Os livros litúrgicos. (p 29)
(P) A Missa solene.

A ESTRUTURA DA MISSA

«Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome,
Eu estou no meio deles.»

(Mt 18, 20)

«A celebração da Missa, como acção de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente
ordenado, é o centro de toda a vida cristã.»

(IGMR 1)

MISSA: DUAS PARTES - Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística -
NUM ÚNICO ACTO DE CULTO.

ELEMENTOS DA MISSA:

LEITURA DA PALAVRA DE DEUS E SUA EXPLANAÇÃO

Quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus quem fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra quem anuncia o Evangelho. (IGMR 9)

ORAÇÕES E OUTROS ELEMENTOS QUE PERTENCEM À FUNÇÃO DO SACERDOTE

Entre as partes da Missa que pertencem ao Sacerdote, está em primeiro lugar a Oração Eucarística, ponto central de toda a celebração. Vêm a seguir as outras orações. (IGMR 10)

CELEBRAÇÃO COLECTIVA

A celebração da Missa é, por sua natureza, "comunitária". Por isso têm importância muito particular os diálogos entre o celebrante e a assembleia dos fiéis, bem como as aclamações. (IGMR 14)

O CANTO

«O canto é sinal de alegria no coração.» (Actos 2, 46)

OS GESTOS E ATITUDES CORPORAIS

A atitude comum, a observar por todos os que tomam parte na celebração, é sinal de comunidade e unidade da assembleia: exprime e favorece os sentimentos e o ânimo dos participantes. (IGMR 20)

O SILÊNCIO

O silêncio sagrado é parte da celebração. (IGMR 23)

OS LIVROS LITÚRGICOS

«Os livros litúrgicos hão-de ser tratados com cuidado e respeito, pois é deles que se proclama a Palavra de Deus e se profere a oração da Igreja.» (CB 115)

Os livros litúrgicos em geral, para além dos chamados «preliminares» de apresentação do conteúdo do livro e com as indicações pastorais e as normas a observar na celebração a que o livro diz respeito, contêm os formulários, com as intervenções do celebrante e as respostas do povo, e as «rubricas», com a indicação dos gestos e das coisas a fazer pelo celebrante e pelos ministros e com as atitudes a observar pelos fiéis.

O MISSAL ROMANO

O Missal Romano é, como o nome indica, o livro litúrgico próprio para a celebração da Missa. A edição do Missal Romano compreende o Missal propriamente dito e o Leccionário.

O MISSAL apenas contém as fórmulas a dizer pelo celebrante (excepto no Ordinário da Missa que inclui também as intervenções da assembleia). Portanto, para cada Missa, o Missal apresenta as orações sacerdotais (colecta, sobre as oblatas e depois da comunhão), as antífonas de entrada e da Comunhão e, se existir, o prefácio próprio. O Missal está estruturado nas seguintes partes:

- Próprio do Tempo
- Ordinário da Missa
- Ordinário da Missa com Canto
- Próprio dos Santos
- Missas Comuns
- Missas Rituais
- Missas e Orações para Diversas Necessidades
- Missas Votivas
- Missas dos Defuntos

Completam o Missal quatro Apêndices com formulários diversos. O Missal é, portanto, o livro do altar ou do celebrante.

O LECCIONÁRIO é o livro onde estão os trechos da Sagrada Escritura destinados à leitura nas celebrações litúrgicas. Portanto, o leccionário é o livro do ambão ou do leitor e salmista. Dada a abundância de leituras para a celebração das diversas Missas, o leccionário é constituído por oito volumes:

- Leccionário Dominical - Ano A
- Leccionário Dominical - Ano B
- Leccionário Dominical - Ano C
- Leccionário Ferial - Advento, Natal, Quaresma, Páscoa
- Leccionário Ferial - Tempo Comum-Anos Ímpares

para as Missas de Defuntos (nas exéquias, no aniversário, para diversas comemorações, etc.). (IGMR 335)

As Missas para várias circunstâncias e as Missas de defuntos só podem celebrar-se em determinados dias, de acordo com as normas fixadas nos livros litúrgicos.

Sob a designação de Missas Comuns, o Missal apresenta ainda vários formulários que servem indistintamente para diversas celebrações, nomeadamente quando estas não têm orações próprias. Tais formulários estão agrupados em sete tipos:

- Comum da Dedicção de uma igreja
- Comum de Nossa Senhora
- Comum dos Mártires
- Comum dos Pastores da Igreja
- Comum dos Doutores da Igreja
- Comum das Virgens
- Comum dos Santos e das Santas

AS PARTES DA MISSA

RITOS INICIAIS

«A finalidade dos ritos iniciais é estabelecer a comunhão entre os fiéis reunidos e dispô-los para ouvirem a palavra de Deus e celebrarem dignamente a Eucaristia.»

(IGMR 24)

ENTRADA

A finalidade do cântico de entrada é dar início à celebração, favorecer a união dos fiéis reunidos e introduzi-los no mistério litúrgico ou da festa, e ao mesmo tempo acompanhar a procissão de entrada do sacerdote e dos ministros. (IGMR 25)

SAUDAÇÃO DO ALTAR E DA ASSEMBLEIA

Com a saudação que o sacerdote dirige à comunidade reunida, exprimindo a presença do Senhor, e a resposta do povo, manifesta-se o mistério da Igreja reunida. (IGMR 28)

ACTO PENITENCIAL

O acto penitencial é constituído pela confissão geral dos pecados feita por toda a comunidade e termina com a absolvição dada pelo sacerdote. (IGMR 29)

KYRIE (Senhor, tende piedade de nós)

O Kyrie, eleison (Senhor, tende piedade de nós) é um canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia. (IGMR 30)

GLÓRIA

O Glória é um antiquíssimo e venerável hino com que a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus e ao Cordeiro. Canta-se ou recita-se aos domingos (fora do Advento e da Quaresma), nas solenidades e festas, bem como em celebrações mais solenes. (IGMR 31)

ORAÇÃO COLECTA

Na oração chamada colecta, dita pelo sacerdote, exprime-se o carácter da celebração e dirige-se a súplica a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo. O povo associa-se a esta súplica e faz a sua oração, dando o seu assentimento expresso pela aclamação Amen. (IGMR 32)

AS PARTES DA MISSA LITURGIA DA PALAVRA

«A parte principal da liturgia da palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura com os cânticos intercalares. São seu desenvolvimento e conclusão a homilia, a profissão de fé e a oração universal ou oração dos fiéis. Nas leituras, comentadas pela homilia, Deus fala ao seu povo, revela-lhe o mistério da redenção e salvação e oferece-lhe o alimento espiritual. Pela sua palavra, o próprio Cristo está presente no meio dos fiéis.»
(IGMR 33)

LEITURAS BÍBLICAS

Nas leituras põe-se aos fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se-lhes os tesouros da Bíblia. Para os domingos e dias festivos estão assinaladas três leituras, isto é, do Profeta (dos Actos dos Apóstolos no tempo pascal), do Apóstolo e do Evangelho (nos outros dias fazem-se normalmente duas leituras: do Profeta ou do Apóstolo, e do Evangelho). A proclamação do Evangelho deve ser acompanhada com a maior veneração. (IGMR 34,318,35)

CÂNTICOS INTERCALARES

A primeira leitura é seguida do salmo responsorial. À segunda leitura (quando houver) segue-se normalmente o Aleluia ou outro cântico, conforme o tempo litúrgico. O Aleluia canta-se em todos os tempos fora da Quaresma. As sequências, cantadas antes do Aleluia ou do outro cântico que precede o Evangelho, não são obrigatórias, excepto nos dias da Páscoa e do Pentecostes. (IGMR 36,37,40)

HOMILIA

A homilia é parte integrante da liturgia e muito recomendada: é um elemento necessário para alimentar a vida cristã. (IGMR 41)

PROFISSÃO DE FÉ

O símbolo (credo), ou profissão de fé, na celebração da Missa, tem como finalidade exprimir o assentimento do povo, como resposta à palavra de Deus escutada nas leituras e na homilia, e recordar a regra da fé, antes de começar a celebração da Eucaristia. O símbolo deve ser recitado ou cantado aos domingos e nas solenidades, bem como em celebrações mais solenes, podendo usar-se o símbolo niceno-constantinopolitano ou o símbolo dos Apóstolos. (IGMR 43,44)

ORAÇÃO UNIVERSAL

Na oração universal ou oração dos fiéis, o povo, exercendo a sua função sacerdotal, ora por todos os homens. Nesta oração pede-se pela santa Igreja, pelos governantes, pelos que sofrem, por todos os homens em geral e pela salvação do mundo inteiro. (IGMR 45)

AS MISSAS RITUAIS, PARA DIVERSAS NECESSIDADES, VOTIVAS, DE DEFUNTOS E COMUNS

«Porque a liturgia dos Sacramentos e dos Sacramentais oferece aos fiéis devidamente dispostos a possibilidade de santificar quase todos os acontecimentos da vida por meio da graça que brota do mistério pascal, e porque a Eucaristia é o Sacramento dos Sacramentos, o Missal apresenta formulários de Missas e de orações que podem ser utilizados nas diversas circunstâncias da vida cristã, pelas necessidades do mundo inteiro ou pelas necessidades da Igreja universal e local.»
(IGMR 326)

As Missas Rituais, que estão ligadas à celebração de certos Sacramentos e Sacramentais, são de nove espécies:

- Para os sacramentos da Iniciação Cristã
- Para a Administração das Ordens Sacras
- Para a Unção dos Enfermos
- Para o Viático
- Para a Missa dos Esposos
- Para a Bênção Abacial
- Para a Consagração das Virgens
- Para a Profissão Religiosa
- No dia da Dedicção de uma igreja ou de um altar

As Missas para diversas necessidades, que se usam em determinados casos, quer ocasionalmente, quer em tempos fixos, atendem a quatro grandes grupos de necessidades:

- Pela Santa Igreja
- Pela sociedade civil
- Em diversas circunstâncias da vida social
- Por algumas necessidades particulares

As Missas votivas são escolhidas livremente para satisfazer à piedade dos fiéis pela comemoração dos mistérios do Senhor, ou em honra da bem-aventurada Virgem Maria ou de um Santo ou de Todos os Santos.

A estes três tipos de Missas - rituais, para diversas necessidades e votivas - dá-se a designação genérica de "Missa para várias circunstâncias". (IGMR 329)

A Igreja oferece ainda o sacrifício eucarístico da Páscoa de Cristo pelos defuntos, a fim de que, pela mútua comunhão entre todos os membros do Corpo de Cristo, se alcance para uns o auxílio espiritual e para outros consolação e esperança. Para o efeito, o Missal contém diversos formulários

AS SOLENIDADES, AS FESTAS, AS MEMÓRIAS E AS MISSAS FERIAIS

«A Igreja, ao mesmo tempo que celebra no decurso do ano o mistério de Cristo, venera também com especial amor a Santa Maria, Mãe de Deus, e propõe à piedade dos fiéis a memória dos Mártires e de outros Santos.»
(CR 8)

As celebrações, segundo a importância que lhes é atribuída, distinguem-se e são denominadas desta forma: solenidade, festa, memória.

As solenidades são os dias principais. A sua celebração começa na tarde do dia precedente, tendo algumas solenidades Missa própria da vigília. A celebração da Páscoa e do Natal, que são as principais solenidades, prolongam-se durante os oito dias seguintes (oitavas).

As festas só se celebram no próprio dia, a não ser que se trate de festas do Senhor que coincidam com um domingo do Tempo Comum ou do Tempo do Natal; neste caso, substituem a celebração própria do domingo, começando, portanto, a celebrarem-se na tarde do sábado anterior.

As memórias só se celebram no próprio dia e podem ser obrigatórias ou facultativas.

Os dias da semana que se seguem ao domingo chamam-se férias. Salvo nalguns casos particulares, as férias cedem a sua celebração a todas as solenidades e festas e ordenam-se com as memórias.

Nas solenidades, na Missa canta-se ou recita-se o hino Glória a Deus nas Alturas e o símbolo (credo). Proclamam-se três leituras e faz-se a oração universal. A homilia não deve omitir-se, ao menos nas solenidades de preceito.

Nas festas, canta-se ou recita-se o hino Glória a Deus nas Alturas. Proclamam-se normalmente duas leituras mas, nalgumas festas mais importantes, propõem-se três leituras. Recomenda-se que se faça a oração universal e a homilia.

Nas memórias, tal como nas Missas feriais, proclamam-se duas leituras. Pode fazer-se a oração universal e a homilia.

Nas solenidades e festas, as orações (colecta, sobre as oblatas e depois da comunhão) e as leituras são próprias. Nas memórias, as orações e as leituras podem ser próprias ou não. Nos dias feriais, as orações e as leituras são as do dia, sendo que, nas férias do Tempo Comum, existe uma ampla possibilidade de escolha tanto das orações como das leituras.

Muitas solenidades e festas têm prefácio próprio e, nalguns casos, a estrutura de algumas Orações Eucarísticas prevê a inserção de comemorações próprias.

Existem ainda fórmulas de bênção mais solenes para diversos domingos e ocasiões especiais.

AS PARTES DA MISSA

LITURGIA EUCARÍSTICA (parte I)

«Na Última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e banquete pascal, por meio do qual, todas as vezes que o sacerdote, representando a Cristo Senhor, faz o mesmo que o Senhor fez e mandou aos discípulos que fizessem em sua memória, é continuamente reatualizado o sacrifício da cruz.»

(IGMR 48)

PREPARAÇÃO DAS OFERENDAS

Ao iniciar-se a liturgia eucarística, levam-se para o altar os dons que se vão converter no Corpo e Sangue de Cristo. Terminada a colocação dos dons sobre o altar e os ritos que a acompanham (tais como procissão das oferendas, fórmulas de apresentação dos dons, incensação das oblatas, do altar, do sacerdote e do povo, e lava-mãos do sacerdote), conclui-se a preparação das oferendas com um convite para que todos orem juntamente com o sacerdote, e com a oração sobre as oblatas. Assim termina a preparação dos dons e tudo está preparado para a Oração Eucarística. (IGMR 49,53)

ORAÇÃO EUCARÍSTICA

O ponto central e culminante de toda a celebração é a Oração Eucarística (ou Anáfora, ou Cânone), que é uma oração de acção de graças e de consagração. Como elementos principais da Oração podem enumerar-se os seguintes:

ACÇÃO DE GRAÇAS (expressa de modo particular no PREFÁCIO): em nome de todo o povo santo, o sacerdote glorifica a Deus Pai e dá-Lhe graças por toda a obra da salvação ou por algum dos seus aspectos particulares, conforme o dia, a festa ou o tempo litúrgico. Para o efeito, o Missal Romano contém mais de cem Prefácios.

ACLAMAÇÃO: toda a assembléia, em união com os coros celestes, canta ou recita o Sanctus (Santo).

EPICLESE: consta de invocações especiais, pelas quais a Igreja implora o poder divino para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se convertam no Corpo e Sangue de Cristo; e para que a hóstia imaculada, que vai ser recebida na comunhão, opere a salvação daqueles que dela vão participar.

NARRAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E CONSAGRAÇÃO: mediante as palavras e gestos de Cristo, realiza-se o sacrifício que o próprio Cristo instituiu na últi-

ma Ceia, quando ofereceu o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e os deu a comer e a beber aos Apóstolos, ao mesmo tempo que lhes confiou o man-dato de perpetuar este mistério.

ANAMNESE: em obediência a este mandato, recebido de Cristo Senhor através dos Apóstolos, a Igreja celebra o memorial do Senhor, recordando de modo particular a sua bem-aventurada paixão e a sua gloriosa ressurreição e ascensão aos Céus.

OBLAÇÃO: neste memorial, a Igreja, de modo especial aquela que nesse momento e nesse lugar está reunida, oferece a Deus Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada. A Igreja deseja que os fiéis não somente ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se também a si mesmos e, por Cristo mediador, se esforcem por realizar de dia para dia a unidade perfeita com Deus e entre si, até que finalmente Deus seja tudo em todos.

INTERCESSÕES: por elas se exprime que a Eucaristia é celebrada por toda a Igreja, tanto do Céu como da terra, e que a oblação é feita em proveito dela e de todos os seus membros, vivos e defuntos, chamados todos a tomar parte na redenção e salvação adquirida pelo Corpo e Sangue de Cristo.

DOXOLOGIA FINAL: exprime a glorificação de Deus e é ratificada e concluída pela aclamação do povo.

A Oração Eucarística exige que todos a escutem com reverência e em silêncio, e que nela participem por meio das aclamações previstas no próprio rito. (IGMR 54,55)

O Missal Romano contém treze formulários de Orações Eucarísticas, sendo quatro deles para uso comum à escolha do celebrante, tendo em conta determinadas normas, três para as Missas “com crianças”, dois para as Missas “da reconciliação” e quatro para as Missas “para diversas necessidades”.

AS MISSAS DOMINICAIS E NAS FESTIVIDADES DE PRECEITO

«No primeiro dia da semana, chamado “dia do Senhor” ou “domingo”, a Igreja, por tradição apostólica que vem do próprio dia da Ressurreição de Cristo, celebra o mistério pascal. Por isso o domingo deve considerar-se como o dia de festa primordial.» (CR 4)

Depois da celebração do domingo, as festividades de preceito constituem as celebrações principais.

A celebração do domingo e das festividades de preceito começa na tarde do dia precedente, tendo algumas dessas celebrações Missa própria da vigília.

Aos domingos e nas festividades de preceito, na Missa canta-se ou recita-se o hino Glória a Deus nas Alturas (excepto nos domingos do Advento e da Quaresma) e o símbolo (credo). Proclamam-se três leituras e faz-se a oração universal. A homilia, que é sempre recomendada, não deve omitir-se nos domingos e nas festividades de preceito.

As orações (colecta, sobre as oblatas e depois da comunhão) e as leituras são próprias.

Muitas festividades têm prefácio próprio e a estrutura de algumas Orações Eucarísticas prevê a inserção de comemorações próprias aos domingos e nalgumas festividades.

Existem ainda fórmulas de bênção mais solenes para diversos domingos e festividades.

Usa-se a cor VERDE nas celebrações do Tempo Comum.

Usa-se a cor ROXA no Tempo da Quaresma e do Advento; pode usar-se também nas celebrações dos defuntos e nas celebrações de carácter penitencial.

Pode usar-se a cor PRETA nas celebrações dos defuntos.

Pode usar-se a cor ROSA nos Domingos “Gaudete” (III do Advento) e “Laetare” (IV da Quaresma).

Por especial privilégio, nalgumas igrejas, pode usar-se cor AZUL na solenidade da Imaculada Conceição (8 de Dezembro).

AS PARTES DA MISSA LITURGIA EUCARÍSTICA (parte II) E RITOS DE CONCLUSÃO

«Pela fracção de um só pão, é significada a unidade dos fiéis; e estes, pela comunhão, recebem o Corpo e Sangue do Senhor, do mesmo modo que os Apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo.»
(IGMR 48)

RITOS DA COMUNHÃO

A celebração eucarística é um banquete pascal. Convém, por isso, que os fiéis, devidamente preparados, nela recebam, segundo o mandato do Senhor, o seu Corpo e Sangue como alimento espiritual. É esta a finalidade da fracção e dos outros ritos preparatórios, que dispõem os fiéis, de forma mais imediata, para a Comunhão:

a) Oração dominical (Pai nosso): nela se pede o pão de cada dia, que para os cristãos evoca também o pão eucarístico; igualmente se pede a purificação dos pecados, de modo que efectivamente “as coisas santas sejam dadas aos santos”.

b) Segue-se o rito da paz, no qual os fiéis imploram a paz e a unidade para toda a Igreja e para toda a família humana, e, conforme as circunstâncias, saúdam-se uns aos outros em sinal de mútua caridade, antes de participarem do mesmo pão.

c) O gesto da fracção, praticado por Cristo na última Ceia, serviu para designar, nos tempos apostólicos, toda a acção eucarística. A finalidade deste rito não é meramente prática; ele significa que todos nós, apesar de muitos, nos torna-mos, pela Comunhão do mesmo pão da vida que é Cristo, um só Corpo (1 Cor 10, 17).

d) “Immixtio”: o sacerdote deita no cálice um fragmento da hóstia.

e) Agnus Dei (Cordeiro de Deus): enquanto se efectua a fracção do pão e a “immixtio”, canta-se ou recita-se a invocação Agnus Dei (Cordeiro de Deus).

f) Preparação pessoal do sacerdote: o sacerdote prepara-se para receber frutuosa-mente o Corpo e Sangue de Cristo rezando uma oração em silêncio. Semelhante preparação fazem os fiéis com uma oração silenciosa.

g) Depois o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico que vão receber na Comunhão e convida-os para a Ceia do Senhor; e, juntamente

com os fiéis, faz um acto de humildade, utilizando as palavras do Evangelho.

h) É muito para desejar que os fiéis recebam o Corpo do Senhor com hóstias consagradas na própria Missa e, nos casos previstos, comunhem também do cálice, para que a Comunhão se manifeste, de forma mais clara, nos próprios sinais sacramentais, como participação efectiva no sacrifício celebrado nesse momento.

i) Enquanto os sacerdotes e os fiéis recebem o sacramento, canta-se o cântico da Comunhão, que deve exprimir, com a unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, manifestar a alegria do coração e dar um sentido mais fraterno à procissão daqueles que vão receber o Corpo de Cristo.

j) Terminada a Comunhão, o sacerdote e os fiéis, conforme as circunstâncias, oram alguns momentos em silêncio. Também pode ser cantado por toda a assembleia um hino ou um salmo ou um cântico de louvor.

k) Na oração depois da Comunhão, o sacerdote implora os frutos do mistério celebrado e o povo faz sua esta oração por meio da aclamação Amen. (IGMR 56)

RITOS DE CONCLUSÃO

Os ritos de conclusão constam de:

a) Saudação e bênção do sacerdote, a qual, em certos dias e em ocasiões especiais, é enriquecida e amplificada com uma “oração sobre o povo” ou com outra fórmula mais solene de bênção.

b) Despedida da assembleia, para que possa cada qual regressar às suas ocupações, louvando e bendizendo o Senhor. (IGMR 57)

O TEMPO DO ADVENTO

O Tempo do Advento tem dupla característica: é tempo de preparação para a solenidade do Natal, em que se comemora a primeira vinda do Filho de Deus aos homens; simultaneamente é tempo em que, comemorando esta primeira vinda, o nosso espírito se dirige para a expectativa da segunda vinda de Cristo no fim dos tempos. Por estes dois motivos, o Advento apresenta-se-nos como um tempo de piedosa e alegre expectativa. O Tempo do Advento começa, e com ele o ano litúrgico, na tarde do sábado que precede o domingo que ocorre no dia 30 de Novembro ou no mais próximo a este dia e termina na tarde do dia 24 de Dezembro exclusive. Os dias feriais que decorrem desde o dia 17 ao dia 24 de Dezembro constituem uma preparação mais directa do Natal do Senhor.

O TEMPO COMUM

Além dos tempos referidos, que têm características próprias, há ainda trinta e três ou trinta e quatro semanas no ciclo do ano, que são destinadas não a celebrar um aspecto particular do mistério de Cristo, mas o mesmo mistério de Cristo na sua globalidade, especialmente nos domingos. Este período é denominado Tempo Comum ou Per Annum. O Tempo Comum começa a seguir ao Tempo do Natal e prolonga-se até ao início do Tempo da Quaresma; retoma-se a seguir ao Tempo Pascal e termina, e com ele o ano litúrgico, com o início do Tempo do Advento. As festas e as memórias da Virgem Maria e dos Santos, situam-se, na sua maioria, no Tempo Comum.

O CALENDÁRIO E AS CELEBRAÇÕES

As celebrações que devem ser feitas em cada dia do ano, tendo em conta a mobilidade daquelas celebrações que se relacionam com a Páscoa e a coincidência de determinadas celebrações fixas (p.e., festas e memórias dos Santos) com outras celebrações de maior importância (p.e., o domingo), são indicadas no Directório Litúrgico, elaborado de acordo com as normas de precedência e de ordenação fixadas. O Directório Litúrgico, entre outras indicações, refere qual a cor dos paramentos a usar em cada celebração, tendo em conta os seguintes princípios:

Usa-se a cor BRANCA no Tempo Pascal e do Natal e nas solenidades, festas e memórias em geral, excepto naquelas que evocam a Paixão do Senhor ou que celebram Santos Apóstolos, Evangelistas ou Mártires.

Usa-se a cor VERMELHA nas celebrações da Paixão do Senhor, no Domingo de Pentecostes e nas celebrações dos Santos Apóstolos, Evangelistas ou Mártires.

O ANO LITÚRGICO

«A Santa Igreja celebra a memória sagrada da obra da salvação de Cristo, em dias determinados, ao longo do ano. Em cada semana, no dia a que foi dado o nome de “domingo”, comemora a Ressurreição do Senhor, que é celebrada também em cada ano, juntamente com a sua bem-aventurada Paixão, na grande solenidade da Páscoa. No decurso do ano, explana todo o mistério de Cristo e comemora também os dias natalícios dos Santos.» (CR 1)

O TRÍDUO PASCAL

O sagrado Tríduo da Paixão e Ressurreição do Senhor é o ponto culminante de todo o ano litúrgico. A proeminência que na semana tem o domingo, tem-na no ano litúrgico a solenidade da Páscoa. O Tríduo Pascal inicia-se com a Missa da Ceia do Senhor, tem o seu centro na Vigília Pascal e termina nas celebrações da tarde do domingo da Ressurreição.

O TEMPO PASCAL

Os cinquenta dias que se prolongam desde o domingo da Ressurreição até ao domingo do Pentecostes celebram-se na alegria e exultação como um único dia de festa, melhor, como “um grande domingo”. Os domingos deste tempo são considerados como “domingos da Páscoa”. Os oito primeiros dias do Tempo Pascal constituem a Oitava da Páscoa e celebram-se como solenidades do Senhor.

O TEMPO DA QUARESMA

O Tempo da Quaresma destina-se a preparar a celebração da Páscoa: a liturgia quaresmal prepara para a celebração pascal tanto os catecúmenos, através dos diversos graus da iniciação cristã, como os fiéis, por meio da recordação do Baptismo e das práticas de penitência. O Tempo da Quaresma decorre desde a Quarta-Feira de Cinzas até à Missa da Ceia do Senhor exclusive. A última semana da Quaresma é a Semana Santa, a qual se inicia com o “Domingo de Ramos na Paixão do Senhor” e destina-se a comemorar a Paixão de Cristo desde a sua entrada messiânica em Jerusalém.

O TEMPO DO NATAL

Depois da celebração anual do mistério pascal, nada na Igreja é mais venerável do que a celebração do Natal do Senhor e das suas primeiras manifestações: é o que se faz no Tempo do Natal. O Tempo do Natal decorre desde a tarde do dia 24 de Dezembro até ao domingo a seguir ao dia 6 de Janeiro. Os oito primeiros dias do Tempo do Natal constituem a Oitava do Natal e nela celebram-se as seguintes festividades: a festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José; a festa de Santo Estêvão, primeiro Mártir; a festa de São João, Apóstolo e Evangelista; a festa dos Santos Inocentes; a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Já fora da Oitava do Natal, celebra-se a solenidade da Epifania e a festa do Baptismo do Senhor.

OS INTERVENIENTES NA MISSA

«Na assembleia reunida para a celebração da Missa, cada um tem o direito e o dever de dar a sua participação, segundo a ordem em que está investido e o ofício que desempenha.» (IGMR 58)

A assembleia tem uma estrutura bipolar:

AQUELE QUE PRESIDE

Toda a legítima celebração da Eucaristia é dirigida pelo Bispo, quer pessoalmente, quer pelos presbíteros seus colaboradores. Tanto o Bispo como o presbítero, em virtude do poder sagrado da Ordem, podem oferecer o sacrifício como representantes de Cristo, presidem também à assembleia sagrada, dirigem a oração, anunciam a boa nova da salvação, associam a si o povo na oblação do sacrifício a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, distribuem aos irmãos o pão da vida eterna e com eles participam do mesmo pão. (IGMR 59,60)

O POVO

Na celebração da Missa, os fiéis constituem a nação santa, o povo resgatado, o sacerdócio real, para dar graças a Deus e oferecer a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote mas juntamente com ele, e para aprender a oferecerem-se a si mesmos. Portanto, formem todos um só corpo, ouvindo a palavra de Deus, participando nas orações e no canto e sobretudo na oblação do mesmo sacrifício e na participação comum da mesa do Senhor. Os fiéis não recusem servir com alegria o povo de Deus, sempre que forem solicitados para desempenhar algum ministério especial na celebração. (IGMR 62)

MINISTÉRIOS ESPECIAIS

O DIÁCONO: entre os ministros, ocupa o primeiro lugar o diácono, um dos graus da Ordem que desde os princípios da Igreja foi tido sempre em especial consideração. São funções próprias do diácono, na Missa: proclamar o Evangelho e, eventualmente, pregar a palavra de Deus; orientar os fiéis na oração universal; assistir ao sacerdote; distribuir a Eucaristia aos fiéis, particularmente sob a espécie do vinho; indicar os gestos e atitudes referentes a toda a assembleia. (IGMR 61)

O CERIMONIÁRIO: responsável pelo bom ordenamento das acções sagradas, a ele pertence velar para que as mesmas sejam executadas pelos ministros com dignidade, ordem e piedade. (IGMR 69)

O ACÓLITO: serve ao altar e ajuda o sacerdote e o diácono no que for preciso. (IGMR 65,144)

O LEITOR: faz as leituras da Sagrada Escritura, com excepção do Evangelho. Pode também propor as intenções da oração universal e ainda, na falta do salmista, recitar o salmo entre as leituras. (IGMR 66)

O SALMISTA: canta o salmo ou o cântico bíblico que vem entre as leituras. (IGMR 67)

O MINISTRO EXTRAORDINÁRIO DA COMUNHÃO: distribui a comunhão aos fiéis (quando as assembleias são muito numerosas). (IGMR 68)

O COMENTADOR: faz aos fiéis explicações e admonições, a fim de os introduzir no sentido da celebração e os dispor a compreendê-la melhor. (IGMR 68)

O encarregado de RECEBER os fiéis à porta da igreja, de os CONDUZIR aos seus lugares, de ORDENAR as procissões. (IGMR 68)

O encarregado de fazer na igreja a COLECTA das oferendas. (IGMR 68)

Todos os ministérios inferiores aos que são próprios do diácono podem ser exercidos por homens leigos, ainda que para tal não tenham recebido a respectiva instituição. (IGMR 70)

DALMÁTICA: é a veste própria do diácono. Usa-se sobre a alva e a estola.

VÉU DE OMBROS OU UMERAL: os sacerdotes utilizam-no na bênção e procissão com o Santíssimo Sacramento.

PLUVIAL OU CAPA DE ASPERGES: é usada pelo sacerdote nas procissões e outras funções sagradas, segundo o que as rubricas prevêem.

SOBREPeliz E ROQUETE: espécie de alva mais curta que se usa sobre a batina, quando em funções litúrgicas.

INSÍGNIAS EPISCOPAIS

O Bispo, nas celebrações litúrgicas, utiliza as vestes sagradas próprias daquele que preside. Além das que são comuns aos presbíteros, usa, na cabeça, o SOLIDÉU (de cor violeta para os Bispos, verme-lha para os Cardeais e branca para o Papa).

As insígnias pontificais do bispo são: o ANEL, insígnia da fidelidade e da união nupcial com a Igreja, sua esposa; o BÁCULO, sinal do seu múnus pastoral dentro do seu território; a MITRA; a CRUZ PEITORAL; e, se lhe competir pelo direito dentro do seu território, o PÁLIO.

OUTROS OBJECTOS DE CULTO

PÁLIO: é um sobre-céu portátil, suspenso por meio de varas, que serve nas procissões para cobrir o Santíssimo Sacramento ou o Santo Lenho.

UMBELA: espécie de pequeno pálio redondo, tipo chapéu de sol, utilizado para cobrir o Santíssimo Sacramento quando transportado em procissão no interior da igreja.

CALDEIRA E HISSOPE: serve para as aspersões com água benta.

PURIFICADOR: encontra-se, com água, junto ao sacrário, para o sacerdote purificar os dedos quando dá a Comunhão fora da Missa.

PANOS DE ALTAR

TOALHA DE ALTAR: serve para cobrir o altar.

CRISMAL: pano que, nos altares consagrados, em sinal de respeito pelas unções, se coloca entre o altar e a toalha.

CORPORAL: pano quadrado sobre o qual são colocados directamente a patena e o cálice, e também a custódia durante a exposição do Santíssimo Sacramento.

BOLSA: serve para guardar o corporal devidamente dobrado.

PALA: pequeno pano quadrado que pode colocar-se, facultativamente, sobre o cálice.

SANGUÍNEO: pano destinado a enxugar o cálice depois das abluções, bem como a boca e os dedos do sacerdote que o Sangue e o Corpo de Cristo tocaram.

MANUSTÉRGIO: toalha apresentada ao sacerdote no lava-mãos.

VESTES SAGRADAS

ALVA: veste branca comum a todos os ministros.

AMITO: espécie de lenço, utilizado para envolver o pescoço, caso a alva seja decotada.

CÍNGULO: cordão que ajusta a alva à cintura.

ESTOLA: os sacerdotes põem-na em volta do pescoço, deixando-a cair sobre o peito; os diáconos põem-na a tiracolo, atravessando-a do ombro esquerdo, sobre o peito, e prendendo-a do lado direito do corpo. Usa-se sobre a alva.

CASULA: é a veste do sacerdote para a celebração da Missa e outras funções sagradas com ela directamente ligadas. Usa-se sobre a alva e a estola.

AS ATITUDES DURANTE A CELEBRAÇÃO DA MISSA (folha de apoio à sessão prática)

Os acólitos, a menos que estejam no exercício de alguma função que lho impeça, observam as atitudes comuns à assembleia:

DE PÉ

Desde o início do cântico de entrada até à oração colecta, inclusive.

Durante o Aleluia, ou outro cântico que precede o Evangelho.

Durante a proclamação do Evangelho, voltados para quem o lê.

Durante a profissão de fé e a oração universal.

Desde o convite à oração que precede a oração sobre as oblatas até ao fim da Missa, excepto nos momentos adiante indicados.

SENTADOS

Durante as leituras que precedem o Evangelho e durante o salmo responso-rial e a eventual sequência.

Durante a homilia.

Durante a preparação dos dons até ao convite à oração que precede a oração sobre as oblatas.

Durante o silêncio sagrado depois da Comunhão, se o sacerdote se sentar.

DE JOELHOS

Conforme as circunstâncias, desde a epiclese até depois da elevação do cálice.

GENUFLEXÃO

Sempre que se passe diante do Santíssimo Sacramento, quer exposto, quer guardado no sacrário, excepto quando se vai em procissão.

Ao chegar ao presbitério, se aí estiver o Santíssimo Sacramento, quer exposto, quer guardado no sacrário, excepto aqueles que transportam os objectos a usar na celebração que se vai realizar.

Entre a consagração e a comunhão, se se tiver de passar diante do altar, embora nesse período melhor seja que ninguém se desloque.

Na Anunciação do Senhor e no Natal do Senhor, às palavras do credo «e encarnou... ..e se fez homem» (no símbolo dos Apóstolos «que foi concebido... ..da Virgem Maria»).

Genuflecte-se com a cabeça e o tronco bem direitos, levando a perna direita um pouco atrás e dobrando o joelho direito até que toque no chão, exactamente ao lado do calcanhar esquerdo. A genuflexão faz-se pausadamente, mas levantando-se logo que o joelho toque no chão. Não se inclina a cabeça, não se benze durante a genuflexão, nem se fazem genuflexões oblíquas.

INCLINAÇÃO

INCLINAÇÃO DO CORPO

Sempre que se passe diante da Cruz, exposta no presbitério, ou diante do Altar (mas se no altar, ou no sacrário sobre ele, se encontrar o Santíssimo Sacramento, genuflecte-se, conforme indicado atrás).

Ao chegar ao presbitério, se aí não estiver o Santíssimo Sacramento, exposto ou guardado no sacrário, excepto aqueles que transportam os objectos a usar na celebração que se vai realizar.

Às palavras do credo «e encarnou... ...e se fez homem» (no símbolo dos Apóstolos «que foi concebido... ...da Virgem Maria») (excepto na Anunciação do Senhor e no Natal do Senhor, em que se genuflecte, conforme indicado atrás).

Quando, depois da elevação da hóstia e do cálice, o sacerdote genuflecte.

Quando, depois do Agnus Dei (Cordeiro de Deus), o sacerdote genuflecte.

Às palavras «eis o Cordeiro de Deus» quando o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico e os convida para a Ceia do Senhor.

Quando se recebe a bênção.

O que incensa, às pessoas e às coisas que vai incensar, antes e depois da incensação.

O que serve o Bispo, ao aproximar-se dele e, depois de prestado o serviço, ao retirar-se.

Ao passar diante do Bispo.

À Cruz na sacristia.

INCLINAÇÃO DE CABEÇA

Quando na celebração se pronuncia o nome de Jesus, da Virgem Santa Maria ou do Santo em cuja memória se celebra a Missa.

Durante a incensação da Cruz.

Às palavras da confissão «por minha culpa, minha tão grande culpa».

Àquele de quem se recebe a paz, e depois deste gesto.

Quando o sacerdote ou outro ministro abre e fecha a porta do sacrário presente no presbitério.

Na Comunhão, ao dizer Amen.

O que serve o sacerdote, ao aproximar-se dele e, depois de prestado o serviço, ao retirar-se.

Ao passar diante do sacerdote.

POSIÇÃO DAS MÃOS

DE MÃOS JUNTAS

Quando estão de pé ou de joelhos, ou se deslocam sem transportar objectos.

COM A MÃO NO PEITO

Quando se faz o sinal da cruz, coloca-se a mão esquerda sobre o peito.

OS ACESSÓRIOS DO CULTO

«Além dos vasos sagrados e das vestes sagradas, todas as outras alfaías destinadas ao uso litúrgico, ou a qualquer título admitidas na igreja, devem ser dignas e adequadas ao fim a que se destinam. Tenha-se grande cuidado em respeitar, mesmo nos objectos de menor importância, as exigências da arte, aliando sempre a limpeza a uma nobre simplicidade.»
(IGMR 311,312)

VASOS SAGRADOS

- PATENA:** serve para oferecer, consagrar e comungar o pão, o qual deve ser só de trigo e ázimo.
- CÁLICE:** serve para oferecer, consagrar e comungar o vinho, o qual deve ser de uvas, natural e puro.
- PÍXIDE OU CIBÓRIO:** vaso com tampa, destinado a conservar as hóstias consagradas no sacrário.
- CAIXA-CIBÓRIO:** espécie de caixa utilizada para levar o viático aos doentes.
- CUSTÓDIA:** serve para expor solenemente o Santíssimo Sacramento.
- LÚNULA:** faz parte da custódia. Trata-se de um pequeno semicírculo que serve para segurar a hóstia.

OUTROS VASOS

- ÂMBULAS:** vasos destinados a conterem os Santos óleos (dos Catecúmenos, dos Enfermos e do Santo Crisma).
- GALHETAS:** servem para apresentar no altar o vinho e a água.
- JARRO E BACIA:** usam-se para o lava-mãos do sacerdote.
- TURÍBULO E NAVETA:** servem, respectivamente, para as incensações litúrgicas e para guardar o incenso.
- VASO DE ABLUÇÕES:** serve para a purificação dos dedos do sacerdote e dos ministros que tenham distribuído a Comunhão.

que não distraiam os fiéis da celebração. Em cada igreja não pode haver mais do que uma imagem do mesmo Santo. (IGMR 278)

AS PIAS DE ÁGUA BENTA

Colocadas à entrada da igreja e, por vezes, à saída da sacristia, as pias de água benta permitem que, segundo louvável costume, os fiéis ao entrarem na igreja se benzam com água benta, recordando assim o seu Baptismo. (CB 110)

O CONFESSIONÁRIO

O confessionário, normalmente situado no corpo da igreja, é o lugar próprio para a celebração individual do sacramento da Penitência.

AS ESTAÇÕES DA VIA SACRA

Dispersas pelas paredes da igreja, encontram-se por vezes catorze cruzeiros, representativas das catorze estações da via sacra.

O NARTEX

O narTEX (ou pórtico) é o pequeno vestíbulo que muitas vezes existe à entrada da igreja, separado da nave pelo guarda-vento.

A TORRE E OS SINOS

No exterior da igreja, geralmente na torre, os sinos são a “voz da comunidade”. Os sinos não se tocam desde o Glória a Deus nas alturas na Missa vespertina da Ceia do Senhor até ao mesmo hino na Vigília Pascal. (CB 300,349)

Às palavras da confissão «por minha culpa, minha tão grande culpa», bate-se no peito com a mão direita.

Quando se segura algum objecto com uma só mão, coloca-se sobre o peito a mão que está livre.

COM AS PALMAS DAS MÃOS SOBRE OS JOELHOS

Quando se está sentado.

RITO DA PAZ

DAR A PAZ

Aquele que vai dar a paz, volta-se para aquele que a vai receber, sem o saudar; com os antebraços sobre os antebraços daquele que vai receber a paz, leva as palmas das mãos aos braços deste último, junto aos cotovelos; inclina-se para a direita e aproxima a sua face esquerda da face esquerda do que vai receber a paz, dizendo-lhe a paz esteja contigo; depois, ambos se endireitam e saúdam-se com uma inclinação de cabeça.

RECEBER A PAZ

Aquele que vai receber a paz, saúda com uma inclinação de cabeça aquele que lhe leva a paz; com as mãos voltadas para cima e com os antebraços fazendo um ângulo recto com os braços, toca com as mãos os cotovelos daquele que lhe leva a paz; inclina-se para a direita e aproxima a face esquerda da face esquerda deste último, respondendo-lhe e contigo também; depois, ambos se endireitam e saúdam-se com uma inclinação de cabeça.

OBSERVAÇÕES GERAIS

Durante as celebrações, evite-se, quanto possível, estar de costas para o Altar e para as pessoas mais elevadas em dignidade, bem como passar entre o celebrante e o Altar. Evite-se ainda falar sem necessidade e olhar para a assembleia desnecessariamente.

Quando o Santíssimo Sacramento está exposto, não se saúda ninguém.

No final da Missa, depois da inclinação à Cruz na sacristia, responde-se à jaculatória: V./ Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo; R./ Para sempre seja louvado e sua Mãe Maria Santíssima.

Para maior dignidade e beleza do culto, é necessário que as atitudes e movimentos dos vários acólitos - andar, sentar, ajoelhar, genuflectir, levantar, inclinar, pôr as mãos, bater no peito, etc. - sejam executados uniforme e simultaneamente, em silêncio e com naturalidade. Não se cruzem as pernas, quer estando de pé, quer sentado.

A apresentação geral do acólito nas celebrações, dos sapatos ao cabelo, do asseio das mãos à sobriedade do vestuário, deve ser impecável e condigna.

O ESPAÇO CELEBRATIVO

«Os edifícios sagrados e os objectos destinados ao culto divino devem ser dignos e belos como sinais e símbolos das realidades celestes.»

(IGMR 253)

O edifício sagrado, na sua disposição geral, deve reproduzir de algum modo a imagem da assembleia congregada: O PRESBITÉRIO, bem diferenciado da nave da igreja, é o lugar do sacerdote e dos ministros; é o centro da acção comum e onde decorrem os ritos principais. A NAVE, espaço onde se situam os restantes fiéis, deve manifestar a unidade do povo de Deus; deve evitar a formação de grupos entre os fiéis, salvo aqueles que realizam um serviço na assembleia, como é o caso do grupo coral, que tem necessidade de ter um lugar próprio para bem desempenhar a sua função.

No presbitério, encontra-se o seguinte:

O ALTAR

O altar, em que se torna presente sob os sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a Missa; o altar é também o centro da acção de graças celebrada na Eucaristia. Por isso, pela sua localização, há-de ser o centro de convergência para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis. Segundo uma antiga tradição, o altar, sendo fixo, deve encerrar relíquias de Santos, ainda que não sejam Mártires. Pela reverência devida à celebração do memorial do Senhor e ao banquete em que é distribuído o Corpo e o Sangue de Cristo, o altar deve ser coberto ao menos com uma toalha. Os castiçais prescritos para cada acção litúrgica, em sinal de veneração ou por motivo de solenidade, dispõem-se em cima do próprio altar ou em volta dele, como for mais conveniente. Sobre o altar ou junto dele coloca-se também uma cruz, bem visível a toda a assembleia. O altar não se deve ornamentar com flores desde a Quarta-feira de cinzas até ao hino Glória a Deus nas alturas da Vigília Pascal, nem nas celebrações de defuntos. Exceptua-se o Domingo Laetare (IV da Quaresma) e as solenidades e festas. (IGMR 259,262,266,268-270;CB 48)

O LUGAR DA PRESIDÊNCIA

A cadeira do sacerdote celebrante deve significar a sua função de presidente da assembleia e guia da oração. Por isso, o lugar mais indicado é ao fundo do presbitério, de frente para o povo, a não ser que a arquitectura da igreja ou outras circunstâncias o não permitam. Para os ministros, dispõem-se assentos dentro do presbitério, no lugar mais conveniente, donde facilmente possam desempenhar as funções que lhes estão atribuídas. (IGMR 271)

O AMBÃO

Normalmente à entrada do presbitério, situa-se o ambão. Durante a liturgia da palavra, é para lá que deve convergir espontaneamente a atenção dos fiéis. Do ambão são proferidas as leituras, o salmo responsorial e o precónio pascal. Pode também fazer-se do ambão a homilia e a oração universal ou oração dos fiéis. Não é conveniente que suba ao ambão o comentador, o cantor ou o regente do coro. (IGMR 272)

A CREDÊNCIA

Na credência, colocada nas imediações do altar em lugar discreto mas onde os ministros dela se possam servir facilmente, colocam-se os vasos sagrados e outros objectos necessários à realização da celebração.

O CÍRIO PASCAL

Durante o tempo pascal o círio pascal permanece no presbitério e acende-se para a Missa e em todas as celebrações litúrgicas mais solenes. Depois do dia de Pentecostes, o círio pascal conserva-se honorificamente no baptistério, para se acender na celebração do Baptismo e dele se acenderem as velas do baptizados. (CB 372)

Na igreja, pode ainda encontrar-se:

O SACRÁRIO

A reserva da Santíssima Eucaristia deve guardar-se num único sacrário (ou tabernáculo), num lugar de honra da igreja, devidamente ornamentado. É muito recomendável que se possa destinar uma capela adequada à adoração e oração privadas dos fiéis para nela se colocar o sacrário. Junto do sacrário está continuamente acesa uma lâmpada especial que indica e honra a presença de Cristo. Segundo o costume tradicional, a lâmpada deve ser alimentada, na medida do possível, com azeite ou cera. (IGMR 277,276)

O BAPTISTÉRIO

O baptistério, ou lugar onde está a fonte ou pia baptismal, é reservado ao sacramento do Baptismo e deve ser absolutamente digno, pois ali renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Pode situar-se numa capela dentro ou fora da igreja, ou noutra lugar dentro da igreja à vista dos fiéis. Fora do tempo pascal, o círio pascal conserva-se honorificamente no baptistério.

AS IMAGENS

De acordo com a antiquíssima tradição da Igreja, é legítimo o costume de expor à veneração dos fiéis, nos edifícios sagrados, imagens do Senhor, da bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos. No entanto, tenha-se o cuidado de que o seu número não seja excessivo e que se disponham de tal modo